

PARA DISCUTIR O SENTIDO DA IMAGINAÇÃO NO OFÍCIO HERMENÊUTICO A PARTIR DA REFERÊNCIA A KANT, HEIDEGGER E CASTORIADIS

DISCUSSING THE SENSE OF IMAGINATION IN THE HERMENEUTICAL
PRACTICE FROM THE REFERENCE TO KANT, HEIDEGGER AND
CASTORIADIS

Ana Monique Moura de Araújo*

Resumo: Queremos aqui ampliar a discussão sobre os resultados das reflexões de Kant acerca do lugar da imaginação e mostrar como Heidegger e Castoriadis são, ao nosso ver, alguns dos autores mais relevantes para desenvolver este assunto, de maneira reverenciadora e crítica ao mesmo tempo, numa hermenêutica contemporânea.

Palavras-chave: Imaginação; Interpretação; Ser vivente; Reflexão.

Abstract: We want here to broaden the discussion of the results of Kant's reflections on the place of the imagination and to present how Heidegger and Castoriadis are, in our view, some of the most relevant authors to develop this subject, in a reverent and critical manner at the same time, in contemporary hermeneutics.

Key-words: Imagination; Interpretation; To be alive; Reflection.

Introdução

Formulamos um debate sobre o tema da imaginação a partir da problematização das reflexões de Kant, Heidegger e Castoriadis. Ao tomarmos questões essenciais, como o ocultamento da faculdade da imaginação na segunda edição da dedução transcendental presente na *Kritik der reinen Vernunft - KrV (Crítica da razão pura)* de Kant em detrimento da reivindicação de um papel fundamental da imaginação na primeira edição, é possível destacar os motivos pelos quais Heidegger tentou reavaliar o

* Doutora pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia (UFPE-UFPB-UFRN) e pelo Programa de Doutorado-sanduíche no exterior da Capes (PDSE-CAPES), mediante o qual realizou pesquisas em Leipzig / Alemanha sob supervisão do Prof. Dr. Christoph Türcke. E-mail: anamoniquemoura@gmail.com

lugar da imaginação no pensamento de Kant, manifestando a necessidade de reposicioná-la, repondo-lhe um pouco do lugar de onde fora retirada e seguindo em frente com uma nova tese da imaginação transcendental, dando a esta um caráter fenomenológico. Enxergamos que Cornelius Castoriadis toma uma postura similar a de Heidegger, na medida em que procura reivindicar para a imaginação o estatuto esquecido e abandonado na filosofia da Kant, ao buscar negar qualquer possibilidade de seu isolamento do mundo fenomênico, como fora feito na segunda edição da primeira crítica kantiana. Diante disto, seguiremos pensando sobre a imaginação abordada na *Kritik der Urteilskraft - KU (Crítica da Faculdade do Juízo)* de Kant, com a finalidade de abrilhantar como uma teoria da interpretação em Kant na qual a imaginação ocupa um lugar semelhante, embora mantendo suas diferenças cabais, ao que, tanto Heidegger como Castoriadis vieram reivindicar na esfera da imaginação abordada na *KrV*.

Das bases da imaginação nas duas grandes críticas de Kant às reflexões de Heidegger e Castoriadis

Se nos debruçarmos numa leitura adequada sobre o estatuto da imaginação (*Einbildungskraft*) no pensamento de Kant, veremos a necessidade de recorrer não só a sua primeira estética, instaurada na *KrV*, mas também em sua segunda estética, instaurada na *KU*. Kant tenta negar, na experiência do que toma como uma estética do sublime, o avanço da imaginação, ao dar a esta os limites impostos por uma razão de caráter prático e moral. Aqui a imaginação segue livremente, mas segundo uma liberdade destinada às leis morais da razão. “O papel elevado da imaginação nesses casos sugere, se não uma unidade da sensibilidade com a razão no sujeito humano, pelo menos um lugar superior para a segunda na experiência moral humana” (KNELLER, 2010, 123). Neste caso, aquilo que ele chamará experiência sublime será a experiência estética cuja imaginação, enquanto meramente estética, é tolhida pela razão, daí sua proximidade com a experiência moral, muito além da experiência estética. Por outro lado, Kant destaca um papel bastante autônomo da imaginação, no que se refere à sua relação (*Beziehung*) com o entendimento na promoção dos juízos reflexivos (Cf. *KU*, B145). Vislumbrar este caráter dúbio no trato da imaginação fez-nos agora reconsiderar

o modo como a imaginação fora tratada em sua obra seminal, a *KrV* na qual, mediada por duas edições diferentes traz consigo também tratos distintos sobre a imaginação.

Enquanto na primeira edição a imaginação ocupa um papel fundamental e superior ao entendimento (Cf. *KrV* A 123), na segunda edição a imaginação ocupa um papel secundário ou mesmo abandonado por Kant. Isto porque Kant esteve preocupado em distinguir a sua filosofia crítica da psicologia. Caberia a uma imaginação transcendental, ou seja, não psicológica, “apresentar (*vorstellen*) na intuição um objeto que não é apresentado em si mesmo” (*KrV*, B151). Da mesma forma, a Kant não pareceria viável continuar deixando a imaginação em seu lugar, diríamos, privilegiado, de modo a querer salvaguardar a razão pura e, com esta, a função tácita do entendimento (Cf. *KrV* B136). Portanto, abordar o tema da imaginação em Kant não significa fazer referência a um conceito linear do que seja a imaginação, e é um perigo imenso não considerar isso.¹

É precisamente este dilema, sobre o modo polissêmico como Kant aborda a imaginação, que encontramos em Heidegger uma espécie de tentativa de saída hermenêutica para repensar o sentido da imaginação transcendental de Kant, na tentativa de ressignificá-la atribuindo-lhe a relação com o empírico em detrimento do risco de purismo formal dado pelo estatuto transcendental kantiano.² Indo mais a fundo, nos deparamos com o tema da imaginação em Castoriadis, que levanta a questão a partir de uma crítica basilar ao sistema de Kant, acusando-o de ter tentando purificar em demasia a imaginação daquilo que faz parte o ser vivente.

Com isso, tentamos defender que a imaginação transcendental não recebe apenas um giro crítico dado por Heidegger, mas é, ela própria reinventada e aplicada às suas ideias. A imaginação em Kant se constituiu, portanto, como parte de prolegômenos à hermenêutica futura.

¹ Cf. RASTOVIC, Milos. *Kant's understanding of the imagination in Critique of pure reason*. In: E-Logos: Eletronic Journal for Philosophy. Prague. 11|2013, 1-13. Último acesso em: 08.02.2017. Sobre o caráter polissêmico da imaginação em Kant e seus processos Cf. MAKKREEL, Rudolf A. *Imagination and interpretation in Kant: The hermeneutical import of the Critique of judgment*. The University of Chicago Press. Chicago & London, 1994, p. 12-15. Também sugerimos ONOL, AYAS TUGBA. *Reflections on Kant's view of the imagination*. Ideas y Valores 64.157 (2015): 53-69.

² Para atrelar o tema ao aspecto moral da filosofia, sugerimos SCHALOW, Frank. *Imagination and existence: Heidegger's retrieval of the Kantian ethic*. New York. University Press of America, 1985.

No caso da avaliação do pensamento de Castoriadis, destacamos como a atividade imaginativa é retirada de seu aspecto “purista” para mergulhar no terreno na experiência do vivente, sem que este, contudo, abandone a experiência interna, já anunciada pela defesa da subjetividade transcendental. O “*para-si*” aqui é, ainda, fundamental, mas desde sua perspectiva imaginativa. Com a reivindicação da experiência sensível à imaginação transcendental, reelaborada tanto por Heidegger, como, em alguma medida, por Castoriadis, avançamos ao espólio hermenêutico da tese de Kant sobre a imaginação, presente na *KU*. Só com isso nos parece possível falarmos em interpretação (*Auslegung*) no campo da imaginação, trazendo à tona o que disso se exige, ou seja, elementos tais como a ontologia, a temporalidade, a realidade, a subjetividade, o esquematismo e a transcendentalidade possíveis.

Heidegger, Castoriadis e a saída hermenêutica entre o ser e a imaginação

No seio da filosofia contemporânea, Heidegger se mostrou como o que de fato mergulhou a fundo nas considerações de Kant sobre a imaginação. Sua obra publicada em 1929, *Kant und das Problem der Metaphysik (Kant e o problema da metafísica)* foi fundamental para a discussão, capaz de erguer-se daí o arcabouço para a constituição da fenomenologia heideggeriana, é certo, mas também acreditamos que, nesta esteira, a própria abordagem de Heidegger sobre a ontologia como fenomenologia, ou seja, as suas reflexões sobre o ser (*Dasein*), se desenvolveram melhor graças à confluência entre as observações sobre a imaginação em Kant e as considerações realizadas em seu ensaio da década de 60 intitulado *Kant thesis über das Sein (A tese de Kant sobre o ser)*. Nós estamos de acordo com a ideia capaz de assumir que a tese do ser de Heidegger depende, portanto, da tese do ser de Kant, esta proposta pelo próprio Heidegger. Não se deve esquecer o dito de Heidegger, a saber, que “Kant dá o nome de filosofia transcendental à ontologia transformada em consequência da crítica da razão pura, e que reflete sobre o ser do ente enquanto objetividade do objeto da experiência.” (HEIDEGGER, 1973, 442). O ser para Heidegger receberá um tratamento que, em alguma medida, é semelhante ao tratamento dado por Kant à imaginação.

particularmente, os estudiosos de Kant tenderam a negligenciar o que Heidegger, em suas interpretações, era capaz de apreciar, ou seja, o fato de que Kant raramente era atacado pelo o que considerava ser a natureza misteriosa da imaginação e que, mesmo em um reino da cognição (sem mencionar a ação e a motivação humana), Kant parecia desconfiado da inescrutabilidade da imaginação” (KNELLER, 2010, 115)

Para Heidegger, o ser é aquilo que, portanto, deve continuar a “ser pensado”. É necessário não deixar no limbo a investigação, pois “o fato de agora o ser se oferecer como o que deve ser pensado não é nem uma pressuposição qualquer, nem uma invenção arbitrária. É o veredito de uma tradição que ainda hoje nos determina, e isto de maneira muito mais decisiva do que se quereria reconhecer.” (HEIDEGGER, 1974, 434).

A imaginação transcendental talhada na segunda edição é concebida como é um atributo do sujeito, na medida em que pertence a um estatuto do uso puro das faculdades, anterior a qualquer identidade empiricamente atribuída a ele (Cf. *KrV* A123-125). Por isso, não podemos deixar de assumir que o uso puro das faculdades constitui a identidade transcendental da subjetividade no seio do pensamento kantiano (Cf. HEIDEGGER, 1973, 434). Mas é precisamente isto que Heidegger irá recusar.

A condição do conhecimento possível enquanto unidade sintética do uso das faculdades em acordo com *apercepção* do sujeito é, para Kant, o uso do entendimento puro, mas entendimento enquanto condição de possibilidade da experiência do sujeito e não como atestamento da experiência em si (Cf. *KrV*, B131). A imaginação aqui tem um papel meramente produtivo enquanto condição do possível, ao passo que a imaginação empírica lida com a possibilidade mesma em sua atualidade. Podemos destacar este estatuto da imaginação kantiana no seguinte dizer de Heidegger (1973, 445 - 6) sobre o ser:

O ser possível de um objeto consiste no caráter do ser posto de algo de tal maneira que este algo ‘concorda com’ aquilo que se dá nas formas puras da intuição, isto é, o espaço e o tempo, e, enquanto se dá assim, se deixa determinar segundo as formas puras do pensamento, isto é, das categorias.

Kant permite que seja invocado aí somente o uso do entendimento. E Heidegger, inspirado em Kant dirá: “É verdade que 'ser' designa 'posição', caráter de ser posto no ato de pôr que é realizado pelo pensamento como operação do entendimento.” (HEIDEGGER, 1973, 440). É aqui que a imaginação é, portanto, sacrificada e colocada de lado, para dar lugar à potencialidade do entendimento como arcabouço do projeto da razão pura.³

Neste caminho, como confirma Heidegger, o ser independe da coisa para Kant. Contudo, Heidegger irá exigir que só mediante a afecção da coisa é que podemos atingir este ser. O ser deve aqui se dar mediante a intuição sensível. Portanto, vale citar Heidegger: “Kant dá o nome de filosofia transcendental à ontologia transformada em consequência da crítica da razão pura, e que reflete sobre o ser do ente enquanto objetividade do objeto da experiência.” (HEIDEGGER, 1973, 442). Daí que destacamos que este pôr-se é uma forma de não só intuir, mas também de imaginar. Se imaginar é uma forma de produzir imagens, como posso pensar o espaço puro sem o recurso da imaginação?

Se consideramos que o ser está aquém do predicativo da experiência imaginativa reprodutora, pode-se assumir, em acordo com as palavras de Heidegger, que “ser não pode ser um predicativo do real”. Portanto, com base no que Kant fala na *KrV* (A 598, B 626), Heidegger (1974, 436) diz:

Como pode o ser não ter, então, o valor de um predicado real? É que para Kant a palavra 'real' guarda ainda sua significação original. Ele indica aquilo que pertence a uma res, a uma coisa, ao conteúdo positivo de uma coisa e lhe pode ser atribuído. O conteúdo objetivo de uma coisa nós no-lo representamos em seu conceito. Podemos representar-nos o que designam as palavras 'uma pedra' sem que isto, que é representado, tenha que existir como uma pedra que jaz precisamente à nossa frente. Existência, *ser-aí*, isto é, diz a tese de Kant, 'evidentemente não é um predicado real'. A evidência deste enunciado negativo se impõe tão logo pensamos a palavra 'real' no sentido de Kant. Ser não é nada real.

³Cf. WEATHERSTON, Martin. *Heidegger's interpretation of Kant: Categories, imagination and temporality*. New York: Palgrave Mcmillan, 2002.

A partir do giro crítico que Heidegger busca realizar sobre a imaginação kantiana, para pensar a ideia do ser, encaramos na filosofia de Castoriadis algo longe de ser diverso do tema. Castoriadis realiza uma profunda análise sobre o esquematismo kantiano exposto no capítulo dedicado à *Dedução* e revela um incômodo semelhante ao de Heidegger.

A perspectiva de Castoriadis com que a relação entre o puro e o empírico retorne como modo de colocar a exigência da imaginação enquanto não mais acuada diante de um suposto entendimento puro e uma organização subjetiva protegida da “vivência do vivente” (CASTORIADIS, 2007, 97). Para a saída do risco formalista de Kant, diz Castoriadis: “a autonomização da imaginação não é relativa simplesmente ao fluxo representativo; há também autonomização do afeto.” (IDEM, 105).

Desta forma, para Castoriadis, a constituição do real se dá por meio do imaginário, não regido, mas regente da representação intelectual e da afecção, numa simultaneidade incapaz de ser negada e bifurcada. Precisamente é esta a crítica direta referida por Castoriadis a Kant. E é por meio desta crítica que Castoriadis negará que o purismo kantiano alçado na segunda edição da *Dedução* da *KrV* seja de fato efetiva no modo de atingir a totalidade da nossa tarefa interpretativa do mundo. Portanto,

não se pode pensar o vivente senão no interior: pelo fato de que não podemos ‘entrar nele’, o único recurso que temos para pensa-lo é pensa-lo do interior, ou seja, tentar reconstruir para nós o seu mundo... (CASTORIADIS, 2007, 99)

Nesta esteira, isto só confirma o que Heidegger dizia em *Ser e Tempo*: “o ser é algo derradeiro e último que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente que se dá em seu sentido” (HEIDEGGER, 1988, 03).

Ora, foi preciso que Heidegger e Castoriadis realizassem uma mudança de lugar para a imaginação desde a leitura da primeira Crítica de Kant.

Considerações finais

Neste sentido, vale indagar: como estar em confluência com Kant, se concordamos com um dos dois filósofos? Nós acreditamos que, apesar da crítica, tanto

de Heidegger como de Castoriadis ao pensador de Königsberg, permanece no pensamento deles ainda muito do que Kant propôs. Aqui cremos que temos as ferramentas para voltarmos a Kant e atingir, por fim, os espólios de sua terceira crítica, a *KU*. Enquanto na *KrV* a imaginação é abordada com parte da unidade de síntese da apercepção, na *KU* ela é reivindicada por Kant como para fora da unidade da apercepção. A imaginação, na *KU*, ocupa um lugar, assim podemos dizer, privilegiado e é, ao nosso ver, capaz de fornecer muito mais do que a matéria de estética do gosto. Para nós, na *KrV* a imaginação, sacrificada para por em vez o entendimento, retira a capacidade de uma teoria da interpretação em Kant, esboçada na primeira edição da obra. Só na *KU* a imaginação terá finalmente um papel de declarada liberdade com o entendimento e fornecerá, na relação com juízo reflexivo, a condição da tarefa interpretativa do sujeito ou do “vivente”, num dizer de Castoriadis (Cf. 2007, 99).

Antes que Heidegger ou Castoriadis realizassem suas relevantes colaborações na reflexão sobre a imaginação, Kant, nesta crítica, realiza uma tentativa de reavivar a imaginação por ele tolhida na primeira crítica. Estamos ao lado de Rudolfg Makkreel (1994), para quem a imaginação, em conjunção com o juízo reflexivo, lança o que pode-se chamar de interpretação reflexiva do mundo.

A imaginação ligada ao juízo determinante lidará com conceitos já dados. Mas há um outro tipo de juízo, a saber, o juízo reflexivo, que se destina-se a retirar do particular o universal, ou seja, é um juízo que subjetivo e representativo, não advém do universal, o espaço e o tempo, mas do particular, daquilo que reside na posterioridade daquilo que é posto anteriormente, a saber, a intuição pura do espaço e tempo. Dizemos, enfim, com Kneller (2010, 116): “o campo interpretativo se dará no espaço das particularidades reflexivas. O campo do ser no espaço das imagens puras.” Faz parte desta posição tomar, a partir da terceira crítica, e com base na primeira, os elementos para definir a tarefa da interpretação, com sua referência possível à tarefa hermenêutica de Heidegger e de Castoriadis.

Ao fim, aqui não fizemos nada além do que a própria obra de Kant já nos permite. No ousar saber algo sobre a imaginação e atingir, nisso, o sentido do exercício interpretativo, resta-nos, porém, muito ainda para detalhar como será possível unir as ideias acerca da imaginação dos três filósofos e esboçar o que pode restar para nossa tarefa hermenêutica baseada nos frutos do encadeamento entre eles, em vistas de uma colaboração viável à teoria da interpretação na nossa comunidade filosófica.

Referências

CASTORIADIS, Cornelius. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Seminários 1986-10987: A criação humana I. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *A tese de Kant sobre o ser*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *Kant und das Problem der Metaphysik*. Frankfurt a. M.: V. Klostermann, 1951.

_____. *Kritik der Urteilskraft*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2003.

_____. *Kritik der reinen Vernunft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt, 1968.

KNELLER, Jane. *Kant e o poder da imaginação*. Tradução: Elaine Alves Trindade. São Paulo: Madras, 2010.

MAKKREEL, Rudolf A. *Imagination and interpretation in Kant: The hermeneutical import of the Critique of judgment*. The University of Chicago Press. Chicago & London, 1994.

OLINTO, Pegoraro. *Imaginação e tempo em Heidegger*. São Paulo: Uape, s/d.

ONOL, AYAS TUGBA. *Reflections on Kant's view of the imagination*. Ideas y Valores, 2015.

RASTOVIC, Milos. *Kant's understanding of the imagination in Critique of pure reason*. In: E-Logos: Electronic Journal for Philosophy. Prague. 11|2013, 1-13. Último acesso em: 08.02.2017.

SALGADO, Ricardo Henrique Carvalho. *A fundamentação da ciência hermenêutica em Kant*. Belo Horizonte: Decálogo editora, s/d.

SCHALOW, Frank. *Imagination and existence: Heidegger's retrieval of the Kantian ethic*. New York. University Press of America, 1985.

WEATHERSTON, Martin. *Heidegger's interpretation of Kant: Categories, imagination and temporality*. New York: Palgrave Mcmillan, 2002.

Recebido em 10/07/2018

Aprovado em 28/09/2018

